



CINCO DÉCADAS DE DEMOCRACIA, O QUE MUDOU?

FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

Dia 20 de abril, às 17h, no Quartel do Carmo, em Lisboa

Fundação Francisco Manuel dos Santos promove conferência para refletir sobre o passado e discutir o futuro da democracia

- A conferência «5 décadas de democracia: o que mudou?» é a primeira de uma série de iniciativas que a FFMS irá promover ao longo do ano de 2023 para pensar a democracia portuguesa;
- Será apresentado o livro *O Essencial da Política Portuguesa*, a versão traduzida do *Oxford Handbook of Portuguese Politics*, numa parceria editorial entre a FFMS e a Tinta-da-china;
- Daniel Ziblatt e Sheri Berman, dois dos maiores pensadores internacionais sobre democracia, irão debater as ameaças atuais às democracias liberais no mundo.

A **Fundação Francisco Manuel dos Santos** (FFMS) organiza, no próximo dia 20 de abril, às 17h, no Quartel do Carmo, em Lisboa, a conferência [«Cinco décadas de democracia, o que mudou?»](#), com o objetivo de refletir sobre o passado e pensar o futuro da democracia portuguesa. Neste evento, que marca o início de uma programação alargada que a FFMS vai dedicar, ao longo do ano, ao tema das cinco décadas de democracia em Portugal, será apresentado o livro [*O Essencial da Política Portuguesa*](#), a versão traduzida do *Oxford Handbook of Portuguese Politics*, coordenado por Jorge Fernandes (CSIC, Madrid), Pedro Magalhães (ICS-ULisboa) e António Costa Pinto (ICS-ULisboa), numa parceria editorial entre a Fundação Francisco Manuel dos Santos e a Tinta-da-china.



CINCO DÉCADAS DE DEMOCRACIA, O QUE MUDOU?

FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

À apresentação do livro seguir-se-á um debate entre dois dos maiores pensadores mundiais sobre a democracia: Daniel Ziblatt¹ e Sheri Berman². Com moderação da jornalista e comentadora política Ayesha Hazarika, esta conversa procurará responder a perguntas como: Por que motivo as democracias são inerentemente melhores do que as alternativas? As democracias, tal como as conhecemos, estão em risco de desaparecer? De que forma é que estas têm sido enfraquecidas por ameaças internas e externas? E como podemos evitar a destruição da democracia na era do populismo e da polarização?

Passadas cinco décadas desde o início do processo de transição democrática portuguesa, é tempo de celebrar a extraordinária evolução operada em Portugal durante esse período. Mas é também tempo de analisar os motivos pelos quais o país deixou de convergir com as sociedades mais livres e desenvolvidas do mundo, e de refletir sobre o que é necessário para aproximar a nossa democracia das aspirações e expectativas que instilou nos portugueses em abril de 1974. A publicação d'*O Essencial da Política Portuguesa*, assim como toda a programação que se seguirá, constitui mais um esforço da FFMS para esse desígnio cívico e democrático.

Composto por 48 capítulos da autoria de 68 investigadores nacionais e internacionais, *O Essencial da Política Portuguesa* oferece uma rigorosa radiografia do passado e do presente da nossa democracia, enquanto deixa pistas para o futuro. Ao longo de mais de 900 páginas, este livro, que marcará as ciências sociais em Portugal, identifica aspetos em que o país se tornou uma democracia idêntica à grande maioria das democracias avançadas contemporâneas, da Europa e da América do Norte. Designadamente:

¹ Professor de Ciência Política na Universidade de Harvard e co-autor do *best-seller* internacional *How Democracies Die*.

² Professora de Ciência Política na universidade de Columbia e autora do livro *Democracy and Dictatorship in Europe: from the Ancien Régime to the Present Day*.



CINCO DÉCADAS DE DEMOCRACIA, O QUE MUDOU?

FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

- Portugal enfrenta desafios estruturais muito semelhantes aos de muitas outras democracias mais antigas, tais como o envelhecimento da população, a desindustrialização e a integração num mundo economicamente globalizado;
- O país detém um estado-providência que cresceu e se consolidou até ao início do século XXI, mas que vive hoje, tal como muitos outros, sob pressão de contenção de custos na área da saúde, da segurança social e da assistência à terceira idade;
- Temos um sistema semipresidencial, mas isso não nos distingue particularmente, uma vez que o semipresidencialismo é, hoje, o sistema de governo mais comum entre as democracias europeias;
- O parlamento português teve de se adaptar à crescente centralidade do executivo e da figura do primeiro-ministro, à crescente dependência dos tribunais para a resolução de disputas políticas, assim como aos processos de europeização das políticas públicas – isto é, a Assembleia da República, tal como outros parlamentos de estados-membros da UE, acaba por ter muito menos poder do que tinha antes da adesão;
- Temos padrões de participação política semelhantes aos de outras democracias europeias. Verifica-se um declínio da participação eleitoral – apesar do que sucedeu na eleição legislativa mais recente –, que é acompanhado por um aumento de quase todas as outras formas de mobilização não-convencional (como a assinatura de petições, o boicote de certos produtos/marcas, ou a presença em manifestações).

Em sentido contrário, *O Essencial da Política Portuguesa* aponta também vários aspetos em que o país se distingue, nem sempre pelas melhores razões, de outras democracias liberais avançadas. Para além de ser um dos países mais envelhecidos da Europa e do mundo, Portugal apresenta um declínio populacional acentuado. Os Censos de 2021 mostram que, na última década, apenas 16% dos municípios apresentaram um crescimento de população, e que as áreas



CINCO DÉCADAS DE DEMOCRACIA, O QUE MUDOU?

FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

predominantemente rurais perderam 11% da sua população. O interior rural português é a região da Europa Ocidental com o maior e mais acelerado declínio populacional. E no entanto:

- Portugal tem uma das estruturas administrativas mais centralizadas da Europa, uma das que mais resistiu às tendências de descentralização política e fiscal que foram seguidas por outros países. Somos um país que praticamente não tocou na sua organização territorial; onde a desproporção entre as competências locais e centrais é quase única; e onde a assimetria entre as competências legalmente atribuídas ao poder local e os recursos disponíveis para as levar a cabo é enorme. Esta confluência entre os níveis de desertificação do interior do país e o grau de centralização política é uma peculiaridade portuguesa;
- Portugal tem também legados persistentes do nosso peculiar processo de democratização. Por um lado, na nossa cultura política, a democracia não é apenas um regime político que garante liberdades e direitos políticos, mas é também visto como devendo garantir direitos económicos e sociais (que são percecionados como indissociáveis dos direitos políticos). Por outro lado, os portugueses continuam a considerar que a nossa pertença à União Europeia é a chave para o desenvolvimento económico e a prosperidade do país. Contudo, desde o início do século, o nosso percurso não tem sido inequivocamente favorável destes pontos de vista. A evolução não foi propriamente negativa: somos um país mais rico e menos desigual do que éramos nos anos 70 e até do que éramos no final do século XX. Contudo, é também certo que deixámos de convergir economicamente com a média europeia, e não conseguimos replicar os percursos da maior parte dos países do centro e leste do continente que se democratizaram apenas nos anos 90, seja em termos de crescimento económico seja em termos de promoção de igualdade de rendimentos e diminuição da pobreza.



CINCO DÉCADAS DE DEMOCRACIA, O QUE MUDOU?

FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

Sumariando, parece existir uma tensão entre as enormes aspirações da sociedade portuguesa em relação ao regime democrático e as realizações desse mesmo regime. Essa tensão manifesta-se no enorme ceticismo que os portugueses sentem em relação à classe política ou no facto de sermos um dos poucos países europeus onde a aceitação de formas não-democráticas ou mesmo autocráticas de governo por parte da população aumentou desde o início do século XXI. Estas são algumas das questões que estarão em discussão no dia 20 de abril, na conferência «5 décadas de democracia: o que mudou?».

Inscrições para a conferência «5 décadas de democracia: o que mudou?» abertas [aqui](#).

Pré-venda do livro *O Essencial da Democracia Portuguesa* [aqui](#) e nas livrarias habituais.

Em anexo: Programa completo da conferência e biografias dos intervenientes.

Para esclarecimentos adicionais:

Manuel Louro | 918 881 124 | manuel.louro@jlma.pt

Maria João Soares | 914 237 487 | mjsoares@jlma.pt



CINCO DÉCADAS DE DEMOCRACIA, O QUE MUDOU?

FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

20 ABRIL QUARTEL DO CARMO

16h00 Abertura de portas

17h00 Boas-vindas

17h10 **Abertura**

Gonçalo Saraiva Matias, Presidente do Conselho de Administração
da Fundação Francisco Manuel dos Santos

17h20 **O Essencial da Política Portuguesa**

Pedro Magalhães, Cientista Político no Instituto de Ciências Sociais da
Universidade de Lisboa e Cooordenador do livro *O Essencial da Política Portuguesa*

17h45 **Como impedir a destruição da democracia?**

Daniel Ziblatt, Professor de Ciência Política na Universidade de Harvard
Sheri Berman, Professora de Ciência Política na Universidade de Columbia
Ayesha Hazarika, Comentadora política (moderadora)

18h30 **Encerramento**

José Soares dos Santos, Presidente do Conselho de Curadores
da Fundação Francisco Manuel dos Santos

18h45 *Cocktail*

20h00 Fecho



CINCO DÉCADAS DE DEMOCRACIA, O QUE MUDOU?

FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

Daniel Ziblatt é professor de Ciência Política na Universidade de Harvard e diretor da unidade de investigação Transformations of Democracy no WZB Berlin Social Science Center, em Berlim. Publicou o livro *How Democracies Die* (Crown, 2018, em coautoria com Steve Levitsky), um *best-seller* do *New York Times* e do *Der Spiegel* traduzido para 22 línguas. Escreveu, também, *Conservative Parties and the Birth of Democracy* (Cambridge University Press, 2017), uma história da democratização da Europa que, em 2018, ganhou o Prémio Woodrow Wilson da American Political Science Association para o melhor livro sobre sistemas de governo e relações internacionais, e o Prémio Barrington Moore da American Sociological Association. Na sua primeira obra publicada — *Structuring the State: The Formation of Italy and Germany and the Puzzle of Federalism* (Princeton, 2006) — dedicou-se à análise da construção do Estado no século XIX. Foi bolseiro e professor convidado no European University Institute (Florença), no Centre for Advanced Study (Stanford), no Max Planck Institute (Colónia), na Universidade de Munique e na École Normale Supérieure (Paris).

Sheri Berman é professora de Ciência Política na Universidade de Columbia. Os seus interesses de investigação incluem a história e a política europeias, o desenvolvimento da democracia, o populismo e o fascismo, e a história da esquerda. Berman tem explorado estes temas em artigos para diversas publicações académicas e não académicas, incluindo *The New York Times*, *The Washington Post*, *Foreign Policy*, *Foreign Affairs* e *VOX*. Atualmente, integra a direção do *Journal of Democracy*, da *Dissent* e da *Political Science Quarterly*. O seu mais recente livro, *Democracy and Dictatorship in Europe: From the Ancien Regime to the Present Day*, foi publicado pela Oxford University Press em 2019.

Pedro C. Magalhães é investigador coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Doutorou-se em Ciência Política pela Universidade do Ohio State em 2003. Os seus interesses de investigação incluem a opinião pública, eleições e a relação entre justiça e política. O seu trabalho tem sido publicado em revistas académicas como *American Journal of Political Science*, *Comparative Political Studies*, *European Journal of Political Research*, *Political Research Quarterly*, *West European Politics*, *Experimental Economics*, entre muitas outras.

Ayesha Hazarika é escritora, cronista e apresentadora. Comentadora política em programas de canais televisivos como BBC, Sky, ITN e Dave, escreve em periódicos como o *Financial Times*, *The Guardian*, *Grazia*, *The Scotsman* e *The New Statesman*. Foi chefe de gabinete de Harriet Harman, vice-líder do Partido Trabalhista britânico, bem como assessora de Gordon Brown e Ed Miliband. É apresentadora convidada no programa *Saturday Review*, da BBC Radio 4, e foi anteriormente apresentadora principal do painel CNN Talk (CNN internacional), além de apresentadora regular da rádio LBC. Em 2019, tornou-se editora do «The Londoner», uma secção do *Evening Standard*. É também conhecida como comedianta, assinando espetáculos como *State of the Nation: Power, Politics and Tractors* e *Girl on Girl: The Fight for Feminism*.